

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

**Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa**

**The contribution of upa/fnla women to the anti-colonial struggle in Angola: a biographical look at Cipriana Kawawa**

**La contribution des femmes de l'upa/fnla a la lutte anti-coloniale en Angola: un regard biographique sur Cipriana Kawawa**

**la contribución de las mujeres upa/fnla a la lucha anticolonial en Angola: una mirada biográfica a Cipriana Kawawa**

Nsambu Vicente  
Instituto Superior Politécnico Atlântida  
nsambubaptista82@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo aborda o percurso militante de Cipriana Kawawa, uma figura emblemática da UPA/FNLA e da Associação da Mulher Angolana (AMA), durante o tempo que viveu na clandestinidade e a luta de libertação nacional de Angola. Pretendemos divulgar a sua experiência singular, destacando o seu contributo no contexto da luta de libertação nacional. Nesse contexto, a escolha do tópico decorre da escassez de estudos a versar sobre as mulheres deste movimento. Metodologicamente baseamo-nos em fontes orais e documentais. Os resultados indicam que, apesar da participação ativa dessa mulher na luta anticolonial, o seu papel ainda não é reconhecido na historiografia e na História oficial de Angola.

**Palavras-Chave:** AMA; Cipriana Kawawa; Luta anticolonial; UPA/FNLA.

**Abstract:** This article looks at the activist career of Cipriana Kawawa, an emblematic figure of the UPA/FNLA and the Angolan Women's Association (AMA), during her time in hiding and during Angola's national liberation struggle. We want to publicise her unique experience, highlighting her contribution to the national liberation struggle. In this context, the choice of topic stems from the scarcity of studies on the women of this movement. Methodologically, we used oral and documentary sources. The results indicate that, despite the active participation of these women in the anti-colonial struggle, their role is still not recognised in historiography and in Angola's official history.

**Key words:** AMA; Cipriana Kawawa; Anti-colonial struggle; UPA/FNLA.

**Résumé:** Cet article se penche sur la carrière militante de Cipriana Kawawa, figure emblématique de l'UPA/FNLA et de l'Association des femmes angolaises (AMA), pendant sa clandestinité et la lutte de libération nationale de l'Angola. Nous voulons faire connaître son expérience unique, en soulignant sa contribution à la lutte de libération nationale. Dans ce contexte, le choix du sujet découle de la rareté des études sur les femmes de ce mouvement. Sur le plan méthodologique, nous avons utilisé des sources orales et documentaires. Les résultats indiquent que, malgré la participation active de ces femmes à la lutte anticoloniale, leur rôle n'est toujours pas reconnu dans l'historiographie et dans l'histoire officielle de l'Angola.

**Mots clés:** AMA; Cipriana Kawawa; Lutte anticoloniale; UPA/FNLA.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

**Resumen:** Este artículo repasa la trayectoria activista de Cipriana Kawawa, figura emblemática de la UPA/FNLA y de la Asociación de Mujeres Angoleñas (AMA), durante su permanencia en la clandestinidad y durante la lucha de liberación nacional de Angola. Queremos dar a conocer su experiencia única, destacando su contribución a la lucha de liberación nacional. En este contexto, la elección del tema se debe a la escasez de estudios sobre las mujeres de este movimiento. Metodológicamente, utilizamos fuentes orales y documentales. Los resultados indican que, a pesar de la activa participación de estas mujeres en la lucha anticolonial, su papel sigue sin ser reconocido en la historiografía y en la historia oficial de Angola.

**Palabras clave:** AMA; Cipriana Kawawa; Lucha anticolonial; UPA/FNLA.

## Introdução

O regime colonial em Angola foi marcado por profundas desigualdades de género, que impactaram significativamente a vida das mulheres. Durante esse período, elas enfrentaram diversos desafios, entre os quais: (1) Restrições sociais e culturais, que limitavam sua liberdade e autonomia, restringindo o acesso à educação, à participação política e às oportunidades de emprego; (2) Exploração e abuso, especialmente em plantações e indústrias dominadas por colonos, onde muitas mulheres foram submetidas a condições degradantes; e (3) Separação familiar, resultado de políticas coloniais que obrigavam os homens a trabalhar longe de casa, deixando as mulheres como responsáveis pelo sustento das famílias.

Entre 1961 e 1974, a UPA/FNLA utilizou propagandas voltadas às populações no interior e no exterior para mobilizá-las a aderirem à luta anticolonial. Foi nesse contexto que Cipriana Kawawa, inspirada pelas ações de seu pai, se dedica à luta pela libertação nacional, enfrentando torturas e prisões devido ao seu comprometimento com a causa revolucionária, inicialmente na clandestinidade e depois em ações mais abertas contra o domínio colonial.

A participação das mulheres na luta anticolonial em Angola é um assunto que tem recebido ainda pouca atenção dos investigadores das áreas das ciências sociais e humanas. Enquanto autores deste estudo, a nossa preocupação tem sido, sobretudo, estudar o contributo daquelas mulheres e associações femininas cujos partidos não estejam no poder na atualidade, como acontece com a UPA/FNLA e a sua organização feminina, a Associação da Mulher Angola (AMA).

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

Esta organização feminina foi criada nos finais da década de cinquenta, mais concretamente em 3 de outubro de 1958, porém, só alcançou maior visibilidade por parte das autoridades coloniais a partir do início da década de sessenta. Inserida no contexto da luta pela libertação de Angola, a sua atuação consistia principalmente na mobilização, agentes de ligação e logística, estando estruturada em torno do seu estatuto e em conformidade com a ideologia do movimento/partido UPA/FNLA, bem como com os seus documentos orientadores.

Este artigo é uma parte da nossa tese de doutoramento em História Contemporânea, desenvolvida na Universidade de Évora. Nele, exploramos a participação das mulheres da UPA/FNLA na luta anticolonial, com destaque para o percurso militante e a contribuição única de Cipriana Kawawa, evidenciada através de sua biografia histórica. O objetivo é divulgar a experiência desta mulher, que consideramos peculiar no conjunto de mulheres desse movimento, atualmente um partido político, e que desempenhou um papel crucial durante o regime colonial português em Angola.

A escolha do tema justifica-se devido à carência de estudos que abordam o contributo da UPA/FNLA e da sua organização feminina, a AMA na luta anticolonial. Metodologicamente o estudo baseou-se em fontes orais e documentais. (1) Oraís: realizamos entrevistas, inicialmente, com a própria protagonista em 2020. Também, dialogamos com alguns familiares e companheiros de luta em Luanda; (2) Fontes documentais: analisamos uma vasta documentação no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)<sup>1</sup> e Arquivo Histórico Diplomático<sup>2</sup>, em Portugal, onde achamos documentos que fazem alusão ao contributo e perseguição dessa mulher na época do regime colonial em Angola. Nesta perspetiva, a proposta temática que trouxemos tem ganhado espaço na historiografia recente angolana. Há um aumento, verificado pelas publicações dos últimos dez anos (2014-2024) mas é pouco satisfatório porque ou são escritos sob ótica masculina ou porque se atém apenas à experiência do

---

<sup>1</sup> Ver Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), PIDE/DGS/ Del. Ang: processo n.º 13.42. A/6, *Transferência de população: Operação Robusta*, fl.2-170 (NT2015); Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), PIDE/DGS/Del. Ang: *expediente diverso muito secreto-Relações de nativos aderentes à UPA e residentes em Luanda. Índices dos documentos 2 e 3 documentos elaborados por Francisco João Silvestre*, fl.19, (NT 9078).

<sup>2</sup> Ver Arquivo Histórico Diplomático (AHD), Processo n.º 940,1 (-) G- A Igreja e os acontecimentos nas províncias Ultramarinas portuguesas, Vols. I e II.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

MPLA. Essa situação está na base da carência de estudos, quer em obras literárias, quer em artigos científicos, referentes à participação das mulheres da UPA/FNLA e da AMA.

De modo a traçar um quadro teórico exequível sobre a participação das mulheres na luta de libertação nacional, num estudo pioneiro produzido no campo da Antropologia, Margarida Paredes (2014) em *Mulheres na Luta Armada em Angola: Memória, Cultura e Emancipação*, numa articulação entre a Antropologia e a História, mostra como as mulheres participaram na luta de libertação em Angola. Devido à carência de investigações sobre estas mulheres, o estudo centralizou-se no resgate de memórias das ex-combatentes conseguidas por meio das entrevistas focadas na vida militar das protagonistas. Nisso, a autora investigou as incertezas entre o trabalho forçado e a resistência das mulheres na luta de libertação nacional e as intrigas da guerra civil protagonizadas pelo MPLA e a UNITA durante vinte e sete anos. Segundo a autora, o MPLA, no âmbito da sua propaganda, embora proclamasse que a mulher fosse parceira na luta, na prática, limitava o seu contributo direto na luta armada e na ocupação de funções de topo na hierarquia do movimento.

No caminho crítico sobre a visibilidade das mulheres, o estudo da Margarida Paredes sinaliza como a participação delas foi decisiva na frente de combate e na retaguarda ao longo da luta de libertação colonial de Angola. Ou seja, no sentido de indicar que as mulheres eram ativas nas diferentes conjunturas da luta de libertação, já que elas atuavam de modo a contrapor o avanço do domínio colonial nas respetivas zonas operativas, contribuindo na logística e na condição de agentes de ligação, fundamentalmente. Margarida Paredes conclui afirmando que as mulheres foram afastadas das negociações dos processos de paz e dos benefícios da desmobilização e desmilitarização dos exércitos, a pretexto que num país onde quase todos os homens combateram, as mulheres não são importantes (Paredes, 2024: 279). Perante este facto, as mulheres recusaram que as suas vozes fossem silenciadas. Terá sido esta a razão da criação do Ministério da Família e Promoção da Mulher, atual Ministério da Ação Social, Família e Promoção da Mulher?

Possivelmente reflete o compromisso do Estado angolano com a promoção da igualdade de género, o fortalecimento da família como núcleo fundamental da sociedade e a proteção dos grupos mais vulneráveis, em especial as mulheres. Ou seja, presumivelmente este

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

ministério surge como resposta à histórica marginalização das mulheres, agravada por décadas de conflitos, desigualdades socioeconómicas e práticas culturais discriminatórias.

Na mesma senda, o estudo de Patrício Batsíkama (2016), em abordagem de longa duração, ou seja, numa análise histórica que se concentra em processos e estruturas que se desenvolvem ao longo de extensos períodos de tempo, e, numa perspetiva antropológica, fala da herança social e económica das mulheres no contexto africano. Esse estudo permite perceber como as mulheres angolanas, no caso da Luzia Inglês Va-Dúnem “Inga”, guiadas por um conjunto de valores, práticas, tradições ou conhecimentos herdados, participaram na luta de libertação nacional. Batsíkama, trabalhando com três categorias de fontes: (i) documental onde consultou diferentes fundos arquivísticos em Angola e Portugal; (ii) história oral, com entrevistas e; (iii) ensaios onde consultou a pouca bibliografia que existe sobre as mulheres, o autor diz que a participação das mulheres na luta de libertação de Angola foi efetiva e árdua (Batsíkama, 2016:72), embora centralize a sua discussão numa mulher integrada na OMA, Luzia Inglês, acima referida.

O interessante nesse estudo é o modo como o autor apresenta o contributo feminino no âmbito social, económico e político. Entende que, apesar da pertença social ser matrilinear nas sociedades angolanas, com a exceção nos Lunda que é patrilinear, as mulheres quase mantinham um “silêncio simbólico” nas questões políticas. Na sequência, o autor expõe que elas eram supostamente representadas pelos seus irmãos (mais velhos ou mais novos) de forma pública. Na verdade, foram e são elas as decisoras: os seus irmãos limitavam-se apenas a cumprir as suas orientações (Batsíkama, 2016:75). Compreendidas essas dimensões antropológicas da mulher em Angola, facilmente se percebe como e porque tiveram de participar nas guerras de libertação e, seguidamente, nos diferentes processos históricos de Angola pós-independência, até à realização das primeiras eleições em setembro de 1992 em Angola.

Patrício Batsíkama conclui dizendo que a presença da mulher na Luta pela Libertação de Angola é inquestionável e evidente. O que preocupa o autor é a rentabilização da figura de Luzia Inglês nos instrumentos educacionais do “Homem Novo” entoado no Hino Nacional: “Angola Avante”. Segundo ele, a participação da mulher na institucionalização do Estado-nação é evidente.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n.º 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

Ressaltar ainda a investigação da Dayene Augusta Santos da Silva em *Na Cobertura da Retaguarda Mulheres Angolanas na Luta Anticolonial (1961-1974)*. A autora pretendeu saber como se dava o envolvimento das mulheres na História angolana no período de 1961-1974. Trata-se de um estudo sobre mulheres anónimas e com registo lacunar no que se refere à sua atuação nas fontes escritas. Para a escrita da sua tese, a autora recorreu a um conjunto de documentos nos arquivos localizados em Lwanda e Lisboa.

Também realizou e visualizou entrevistas, o que lhe permitiu captar as nuances e as dinâmicas das mulheres protagonistas da luta de libertação nacional. No seu estudo, cita a atuação das mulheres no período da luta anticolonial em espaços geográficos como Moxico, Vie (Bié)<sup>3</sup>, Wizi (Uíge), Lunda, Kwanza Norte, Kwanza Sul, Wila (Huila), Kwandu Kubango, Wambu (Huambo), Kabinda (Cabinda), Malange e Lwanda (Luanda). Parece-nos que ignorou a província do Nzandí (Zaire), antigo distrito do Zaire, outro espaço considerado bastião do teatro das operações da luta de libertação de Angola. Por que essa região permanece sub-representada na historiografia da luta anticolonial? Será que houve uma omissão intencional devido ao fato de uma área ter sido, predominantemente, uma zona de atuação da UPA/FNLA até a década de 1970? Essa lacuna poderia ser explicada pelas dificuldades de acesso aos protagonistas, pela escassez de documentos históricos ou, simplesmente, pela negligência em consideração às ações da UPA/FNLA em regiões como o Wizi e o Kwanza Norte?

A sub-representação pode estar ligada a uma narrativa historiográfica dominante que grupos prioritários e regiões associadas ao MPLA, em detrimento de outras forças anticoloniais como a UPA/FNLA, relegando-as a um plano secundário. É possível que a omissão tenha sido intencional, já que a narrativa oficial do pós-independência frequentemente marginalizou o papel de grupos de oposição como a UPA/FNLA, em prol da legitimação do MPLA como líder incontestável da luta de libertação. Sim, uma lacuna pode ser atribuída a vários fatores, como a dificuldade de entrevistar sobreviventes, a destruição ou inacessibilidade de documentos históricos e a negligência deliberada em destacar o papel de regiões

---

<sup>3</sup> Decidimos manter a grafia da língua correspondente às localidades citadas no presente artigo à luz da Resolução n.º 3/87, de 23 de maio do Instituto de Línguas Nacionais. [consulta em 23/09/2011]. Disponível em: <https://www.axl.cefan.ulaval.ca/afrique/Angola-loi-1987-3.htm>.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

associadas a outras forças políticas. Essa combinação de fatores contribuiu para a invisibilidade dessas zonas na historiografia oficial.

Constatamos que, ao longo da narrativa, Dayana da Silva menciona bastantes vezes “mulheres anónimas” (Silva, 2021: 27-348); em que perspetivas o faz, no sentido de não estarem reconhecidas nos discursos políticos oficiais de hoje, sendo evocadas os seus nomes, como se procede, por exemplo, com a Deolinda Rodrigues e as suas companheiras? Essas mulheres anónimas são de que movimento? O interessante foi notar a autora em ter optado sinalizar as particularidades de atuação das mulheres nas diferentes regiões e grupos, como ela mesma faz questão de reconhecer, embora nos parece que essas particularidades por região não foram muito esclarecedoras pelo seguinte: se por um lado menciona “mulheres anónimas”, por outro, fala das regiões onde elas atuavam. Nesse caso, se atuavam numa determinada região político-militar ou zonas “libertas”, quais eram os espaços onde os movimentos de libertação se estabeleciam e organizavam a vida das populações no trabalho, bem como à saúde, ensino? Certamente essas mulheres estavam agrupadas ou tuteladas por um determinado movimento nessa zona.

Por que a autora optou por não identificar individualmente as mulheres nos movimentos que estavam inseridos? Qual pode ter sido o motivo para generalizar a atuação dessas mulheres, mesmo regularizando particularidades relacionadas à região e ao movimento político? Ora, a decisão pode ter sido influenciada pela escassez de fontes documentais ou relatos detalhados que permitem uma identificação individual. Além disso, um autor pode ter escolhido destacar as ações coletivas como forma de enfatizar a luta enquanto movimento social, em vez de focar em figuras específicas. Quanto a generalização pode ter sido uma estratégia narrativa para construir uma visão mais ampla e inclusiva da contribuição feminina na luta de libertação. Por outro lado, também podem ser refletidas limitações metodológicas, como a dificuldade de acesso a dados específicos ou a falta de entrevistas que revelam essas nuances. No cômputo geral, o estudo da Dayane da Silva pretendeu dar visibilidade histórica e visibilidade historiográfica às mulheres angolanas anónimas, algumas delas camponesas que participaram na luta anticolonial de 1961-1974.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

Em vista das discussões dos autores, compreendemos que ainda não foi realizado um estudo centrado nas mulheres da UPA/FNLA e na sua organização feminina, sobretudo à nenhuma figura feminina deste movimento, hoje partido político. Portanto, esses historiadores e antropólogos têm produzido trabalhos de excepcional mérito, mas as suas perspectivas são diferentes, uma vez que à sua maioria ocupam-se em estudar as mulheres no geral, mas destacando as mulheres do MPLA e da sua organização feminina – OMA. Com base na comparação e discussão historiográfica, decidimos estudar exclusivamente as mulheres da UPA/FNLA e a AMA. Queremos marcar o nosso estudo traçando o percurso militante através da biografia histórica de Cipriana Kawawa ao longo do processo da luta de libertação nacional de Angola.

Sobre o conceito de biografia, Joaquim Pintassilgo e Anabela Teixeira (2015) entendem como “um género tradicionalmente associado à história, mas que, durante muito tempo, foi olhado com desconfiança por parte dos historiadores profissionais” (Pintassilgo & Teixeira, 2015: 57). Os autores percebem que a biografia nos últimos tempos tem passado por um momento de renovação e tem ganho legitimidade como fonte e objeto da História e, ainda, como género historiográfico. Por isso, qualificá-la de “biografia histórica” é reconhecer sua capacidade de articular a trajetória individual com os processos coletivos, destacando não apenas as ações e experiências pessoais, mas também as relações entre o indivíduo e as estruturas históricas que moldaram sua vida e atuação.

Apoiando-se nesse ponto de vista, pretendemos alargar o horizonte da nossa abordagem à micro-história, biografando Cipriana Kawawa, numa perspectiva de “História subalterna”, uma vez que se trata de uma personalidade com contribuições excepcionais durante a luta de libertação, mas desconhecida pela maioria dos angolanos. De nome completo Cipriana Domingos António Miguel Kawawa, originária de uma zona respeitada, por ser de maior resistência desde os séculos XIX e XX contra o domínio colonial: os Ndembu, antiga região do distrito do Kwanza Norte.

De modo a sermos mais esclarecedores, no presente artigo, colocamos as suas respectivas imagens no meio do texto. Com isso, os leitores facilmente poderão acompanhar a narrativa através de ilustrações.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

### **Experiência Militante de Cipriana Kawawa na UPA/FNLA, biografia histórica**

Cipriana Domingos António Miguel Kawawa nasceu no dia 6 de março de 1942, na localidade do Piri- Kibaxe, Concelho dos Ndembu, Distrito do Kwanza Norte, uma das regiões que apresentou mais resistência contra o domínio colonial. Era filha de Domingos António Miguel de Andrade Kawawa e de Jorgina Songo. Oriunda de uma família de agricultores.

O seu interesse pela luta de libertação revelou-se na década de cinquenta. Cipriana Kawawa nasceu numa área de resistência (região dos Ndembu), pelo que, desde muito cedo foi influenciada, particularmente pelo pai, quando presenciava às escondidas as reuniões clandestinas que visavam organizar a quotização e os ataques contra a presença colonial na área. Ela ouvia as conversas. O pai de Cipriana Kawawa, senhor Domingos António Kawawa, enquanto assimilado e fazendeiro de café no antigo posto administrativo do Úcuá, Concelho dos Ndembu, estava ligado ao ativismo, integrado na UPA com os outros companheiros, nomeadamente, Barros Nekaka, Eduardo Pinock, Fernando Pio do Amaral Gourgel e alguns companheiros da zona.

Também, era um dos protagonistas da guerrilha de Pedra Verde (Ver Figura 1). Este conflito forçou as tropas portuguesas a deslocar militares de Luanda para auxiliarem os que se encontravam naquela zona. Conforme relata Matos (2008):

“Na manhã do dia 28 de julho de 1961, travou-se uma das mais longas batalhas da Guerra em Angola. A Operação, envolveu um Pelotão Reforçado de Infantaria de Luanda, o Esquadrão de Cavalaria 149, a 4.<sup>a</sup> Companhia de Caçadores Especiais e o 3.<sup>o</sup> Pelotão da Bateria de Artilharia 147, com armas ligeiras, pesadas e obuses, prolongou-se por mais de seis infinitas horas. O palco de batalha situava-se nas imediações da Pedra Verde, morro pedregoso, denominado Camucugonlo, com incidência na Picada da Catuta, região dos Dembos, a nordeste do Úcuá, onde se abrigavam os guerrilheiros angolanos”.

A zona passou a ser palco de muitos confrontos entre os nacionalistas e as tropas portuguesas que a todo o custo queriam neutralizar a resistência dos nativos.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

Figura 1. Militares artilheiros, os Peras, do 3º Pelotão da Bateria de Artilharia 147, em Quisacala, junto da Pedra Verde



Fonte: Disponível em: <http://cenasdeguerra.blogspot.com/2008/03/minha-guerra-em-angola.html>.

De modo a despertar a consciência aos nativos, de maneira urgente, considerando a pequena abertura que existia na ocasião, o pai de Cipriana Kawawa, Domingos António Kawawa, viabilizou que a política educativa e a instrução escolar nos Ndembu e Nambuangongo fossem levados com bastante seriedade. Então, para assegurar o ensino no Piri, a Igreja Metodista<sup>4</sup>, responsabilizaria Agostinho Pedro Neto<sup>5</sup>, a essa tarefa. Neste contexto, Domingos António Miguel Kawawa, o facto de ser muito estimado pelos pastores e de ter sido Guia Leigo<sup>6</sup>, apoiava financeiramente os estudos de António Agostinho Neto, uma vez que o seu pai exercia a missão pastoral nesta localidade.

Uma vez que o pai de Cipriana Kawawa era o portador dos fundos monetários coletados para a luta de libertação do Congo Belga, onde se apoiava a ABAKO de Joseph Kasavubu, primeiro presidente do Congo-Léopoldville (1960-1965).

<sup>4</sup> Ver PT/ AHD/ Processo n.º 940,1 (-) G- A Igreja e os acontecimentos nas províncias Ultramarinas portuguesas, Vols. I e II.

<sup>5</sup> Pai de António Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola, de 1975 a 1979.

<sup>6</sup> Segundo Cipriana Domingos Kawawa, o seu pai era alguém escolhido e gozava da confiança dos pastores. Desempenhava missões importantes nas reuniões, pois, era praticamente diácono, dirigente do povo e trabalhava em vários contactos clandestinos para a libertação de Angola.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

Com a independência daquele país, Domingos António Miguel Kawawa continuou a coletar fundos para a luta de libertação de Angola, enviando-os à direção da UPA a partir da região dos Ndembu e Nambuanguo, em companhia dos regedores Pedro Vida, António Caleia, José Congo, Ngonga Simão.

Na posição de exportador das quotas que eram coletadas junto das populações, Domingos António Miguel Kawawa realizou cinquenta viagens para o Congo Belga para os entregar à direção da UPA. Cipriana Kawawa, ainda para os entregar, observava com bastante preocupação as atividades clandestinas que o pai exercia. Observando o sacrifício do pai, motivou-se a aderir à causa da luta de libertação nacional. Contudo, foi necessário primeiro estudar.

Em vista disso, em 1951, já com nove anos, ingressou na escola primária Sawa Kamungwa, no Piri, Dembos, tendo como professora a dona Maria da Silva Neto, mãe de António Agostinho Neto, destacando-se enquanto aluna, apesar das condições de instabilidade com que estudava. Ainda nova, Cipriana Kawawa foi enviada para a Missão do Kesua, em Malanje. Gaspar João Domingos (2019), na sua dissertação de mestrado em ciências da educação pela Universidade de Évora, relatando acerca da formação dos jovens nas escolas do Piri, Mufuque, Quimai e Mucundo, diz que, entre os anos 1930, 1940 e 1950, após terem feito a 4.ª classe do ensino geral, aqueles foram enviados para a Estação Missionária do Kesua, em Malange, para continuidade à sua educação.

É nesta instituição que Cipriana Kawawa foi colega de Alves Bernardo Baptista Panzo “Nito Alves” (então comandante da 1.ª Região Político-militar do MPLA), Lino Pombolino (Comandante Tadeu), Odette Diogo Baltazar<sup>7</sup>, Domingos Lopes da Silva, Domingos Sebastião Munginga, Damião Pedro Paulo, Marta Francisco Lopes, Domingos Falo, António dos Santos Júnior, José Manuel Gonçalves Quimbangala, Afonso José (Gasolina) e Daniel de Almeida Paulino “Kanguanjá” (Domingos, 2019: 140-147).

---

<sup>7</sup> Irmã mais velha de Bornito de Sousa Baltazar Diogo, então vice-presidente de Angola entre 2017 e 2022, uma vez que o pai deste já estava também empenhado no ativismo na área do Kesua. Aliás, o seu desenvolvimento na luta de libertação nacional valeu-lhe a cadeia em São Nicolau, onde estava com os filhos, incluindo o então vice-presidente de Angola, Bornito de Sousa. Durante as entrevistas que efetuamos com as ex-presas no campo prisional de São Nicolau, muitas vezes ouvimos falar de Bornito de Sousa, visto que, embora sendo preso, dada a sua capacidade intelectual, dava aulas no mesmo campo.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

Figura 2. Cipriana Kawawa e colegas na Estação Missionária do Kesua



Fonte: Arquivo pessoal de Cipriana Kawawa (2020).

Conforme a própria Cipriana Kawawa (2020) declara:

“(…) E todos esses, tanto o Alves Bernardo Baptista Panzo e o Monstro Imortal, todos esses conheceram a política por causa de mim, porque através do meu pai, como me dava àquelas nações, aquelas ideias políticas, eu também não deixava de comunicar a rapaziada toda<sup>8</sup>”.

Esse dinamismo começou aos treze anos, isto é, desde 1955, onde impulsionava as outras mulheres na região dos Ndembu. Por isso, foi a primeira Coordenadora da AMA na zona a integrar a questão política. Portanto, considerando a sua trajetória ousada, diversas vezes viu-se rejeitada pela família.

Em 1958, sendo uma das poucas mulheres formadas academicamente com o 4º ano na área dos Ndembu, destacou-se como ativista angolana onde na sua maioria eram homens, desempenhando um papel importante na propaganda e sensibilização para a luta de libertação do jugo colonial em Luanda e nos Ndembu.

<sup>8</sup> Entrevista realizada no dia 20 de maio de 2020, no bairro Palanca, em Luanda [53 min].

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

Enquanto estudante, Cipriana Kawawa participou com a mocidade nas reuniões clandestinas que se realizavam na Missão Evangélica Protestante e em particular, na emissora da rádio ANANGOLA com os jovens revolucionários. Nomeadamente: Deolinda Rodrigues “Bibiana”, Lucrecia Paim, Luísa Pereira Inglês, Maria Mambo Café, Malafaia, João Jacob Caetano “Monstro Imortal”, onde se faziam passar por um grupo coral que era dirigido pelo Emílio de Carvalho (Bispo Emérito da Igreja Metodista).

Conforme descreve Emílio de Carvalho (1995):

“Na escola da missão os que a frequentavam, já tinham passado no ensino rudimentar que era dado nas classes. Havia a escola do Sambizanga, Marçal, Congolenses, Bairro Operário, Lixeira, Km7, na Maianga, no Prenda, etc. As classes cuidavam dos filhos não só dos membros protestantes, mas dos bairros, pois nestes existiam muitas crianças que não eram protestantes, mas que precisavam ir à escola, e os únicos lugares em que podiam ir eram as classes [...] em 1958, essa Igreja possuía, nessa altura, três escolas diárias nas classes do Km Sete, Redentor e Icolo e Bengo (Carvalho, 1995).

Em 1961, Cipriana Kawawa, devido à intensidade das suas atividades políticas, foi perseguida pela PIDE/DGS, pois tinha sido “bufada<sup>9</sup>”. Na ocasião, foi acusada pelo Senhor Dominique de colaborar com os guerrilheiros, o que fez com que fosse vigiada tanto em Luanda e na escola do Kesua, em Malange. Em função disto dever-se-ia a isso, orientou-se que deveria apresentar-se a cada quinze dias as autoridades policiais.

Até então, em Lwanda, entre os anos de 1963 e 1964, Cipriana Kawawa residindo no Sambizanga, continuava a destacar-se no ativismo político. Enquanto frequentava as reuniões na Igreja, também nos bairros Sambizanga e Zangado, participava nas células clandestinas, distribuindo panfletos nas igrejas, nas chamadas farras e colégios. Isso fez com que o seu nome constasse na lista dos nativos aderentes à UPA, identificados e residentes em Lwanda, num conjunto de trinta e oito nomes masculinos, sendo a única mulher. Ainda havia outra lista onde constavam nomes de pessoas suspeitas de aderentes da UPA, mas não identificados pela PIDE/DGS, como Adelaide Bernardo da Silva, Adelaide Manuel da Silva, Ana Francisco Silvestre, Ana Madalena Silvestre, Eva Gomes Campos, Helene Cassule, Joana João Miguel, Leopoldina António Nicolau, Margarida Botélia Fialho Tavares Gaboa, Maria de Fátima José de Oliveira, Maria Francisca João Silvestre e Maria Francisco.

---

<sup>9</sup> Expressão utilizada na época para descrever a traição de que as pessoas eram alvo.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

Figura 3. Ficha de Cipriana Domingos Miguel Kawawa dos nativos aderentes à UPA

**Pedido de bilhete de identidade**

ARQUIVO DE IDENTIFICAÇÃO DE LUANDA

6430

Nome (1) *Cipriana Domingos Miguel Kawawa*

Pilha de (2) *Cipriana Domingos Miguel de Kawawa*

e de (3) *Luanda*

Nacionalidade (4) *Angolense*

Data de nascimento: *18 de Agosto de 1939* Nacionalidade: *Portuguesa*

Estrada civil (5) *solteira*

Residência (6) *Luanda, Rua da Mata*

Profissão (7) *Costuradeira*

Idade (8) *21 anos*

Assinatura (9) *Cipriana Domingos Miguel Kawawa*

Confirmação e exactidão das declarações acima feitas, por embargados possivelmente a representação da Nacionalidade (Nome e nacionalidade) (10)

Assinatura *Francisco António Bernardes de Sá*

Morada *Luanda*

Verificação dos verbos e indicação da prova apresentada (11) *Francisco António Bernardes de Sá*

Data *18/8/60*

Idade *21 anos*

Fonte: PT/ANTT/PIDE/DGS/Del. Ang: expediente diverso muito secreto-Relações de nativos aderentes à UPA e residentes em Luanda (NT 9078).

Por razões da perseguição, Cipriana Kawawa viveu alguns anos no esconderijo nas matas. Para escapar da morte, teve de se refugiar nas matas do Ngalama, nos Ndembu, distrito do Kwanza Norte, onde se juntou com os outros guerrilheiros da UPA, comandados por Pedro Vida e Armando Campos. Ainda nesta área, devido à intensidade da luta, a povoação já não garantia segurança, Cipriana Kawawa e os pais tiveram de refugiar-se nas matas de Nambu-angongo, ainda que separados. Ou seja, ela estava num lugar e os pais noutra.

Ainda nas matas, Cipriana Kawawa conseguia chegar a Lwanda com o auxílio de alguns europeus que apoiavam a causa da luta de libertação. Destaca-se o marido de uma das suas primas, Elisa Fraga, cujo pai era comerciante que semanalmente carregava mercadoria em Kibaxe e de regresso a Lwanda trazia madeira e onde também aproveitavam para colocar

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

os panfletos com dizeres subversivos que saíam de Kibaxe – Lwanda e Lwanda – Kibaxe, contendo mensagens que visavam a adesão à luta anticolonial.

Enquanto Cipriana Kawawa percorria constantemente a estrada entre os Ndembu e Lwanda, a situação despertou a atenção das autoridades portuguesas neste último espaço, pois era suspeita de criar diversas células clandestinas. Embora estando sob perseguição, em muitas ocasiões permanecia em alguns bares do bairro Rangel, mobilizando pessoas, dando-lhes a conhecer sobre os preparativos da luta de libertação. O propósito era fazer acreditar as pessoas que haveria guerra contra a dominação colonial e tinham de estar preparados para apoiar a luta.

Com a intenção de garantir a sustentabilidade das populações que se encontravam nas matas, Cipriana Kawawa, quando saía de Lwanda para as matas, fazia questão de sempre levar um embrulho, contendo roupas, sal, açúcar, peixe, sabão, material didático, panfletos de propaganda, enfim, tudo o que fosse necessário para assegurar as necessidades mais básicas.

Estando nas matas, desempenhou distintas funções, de dentre as quais, foi responsável pela educação política, alimentação dos militares e demais população que se encontrava nas matas e alfabetização. Apesar de desempenhar essas funções, também, acarretava água para as tropas, cortava a lenha para a empresa de transportes de vigas e serração para Bailundo<sup>10</sup>.

Com a intensificação dos bombardeamentos nas matas dos Ndembu e Nambuangongo, Cipriana Kawawa refugiou-se entre 1965 e 1966 em Kinshasa. A trajetória para aquele país durou oito meses transportando o filho ao colo por causa dessa fuga, anulou o desejo de casar-se com Domingos Lopes da Silva, na época o seu noivo e pai do seu único filho.

Quando chegou à República do Congo, dirigiu-se a sede do Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE) onde foi acolhida pelos altos dirigentes da UPA/FNLA, nomeadamente, Álvaro Holden Roberto “Yembe”, Hendrick Vaal Neto, Eduardo Pinock, Fernando do Amaral Pio Gourgel.

---

<sup>10</sup> Na viagem que efetuamos ao município dos Ndembu-Kibaxe, concretamente na comuna do Piri em 2023, no âmbito de um projeto agrícola, constatamos os vestígios do caminho por onde passavam os camiões que exerciam as atividades na área. Trata-se de uma zona com florestas densas tal como atrás frisamos.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

Considerando a formação académica e a competência linguística que possuía, em 1967, trabalhou no Ministério da Informação do Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE), prestando a sua voz como locutora do programa radiofónico “Angola Livre”, um programa que se dispunha a mobilizar as populações residentes naquele país, na maioria refugiados pela luta de libertação. Interessa dizer que, nesse programa, havia uma rubrica que era somente dedicada às mulheres. Portanto, tratou-se da primeira voz feminina da língua portuguesa naquela emissora. Em função das constantes perseguições de que era alvo e para não chamar atenção das autoridades portuguesas, embora estando no estrangeiro, no programa apresentava-se com o nome de Ana.

De maneira a ter acesso às informações que transmitia no programa radiofónico, Cipriana participava das reuniões com os dirigentes daquele órgão, nomeadamente, com, Rosário Neto e Hendrick Vaal Neto. Enquanto exercia estas atividades, estava sob a subordinação direta dos nacionalistas Hendrick Vall Neto e Rosário Neto<sup>11</sup>. Nessa missão de motivação às populações, trabalhou com outros nacionalistas, como Augusto Campos, João Gomes de Miranda<sup>12</sup>, Luísa Gaspar e Domingos Gourgel.

Considerando o contexto da época, Cipriana Kawawa, embora exercendo a atividade jornalística, ainda frequentou o treino militar na Base do Kinkuzu. E após terminar, foi promovida ao grau de sargento.

Mesmo na República do Congo, que passou a designar-se por Zaire em 1971, destacou-se em diversas missões que lhe eram confiadas. Por esse motivo, devido à confiança que gozava dos seus superiores hierárquicos, em 1971 foi nomeada comissária política adjunta da comuna do Barumbu<sup>13</sup>, sob a subordinação de Eduardo Pinnock e Fernando do Amaral Pio Gourgel. Era também membro do Comité Central e do *Bureau* político da FNLA. Não só

---

<sup>11</sup> Quando entrevistamos o Senhor Hendrick Vaal Neto, um dos nomes que mais souo ao falar do papel desempenhado por mulheres foi o nome de Cipriana Kawawa.

<sup>12</sup> Pai do músico gospel angolano, Dodó Miranda. Atualmente é pastoral.

<sup>13</sup> Atualmente é um município do norte da cidade de Kinshasa, na República Democrática do Congo. Está localizado ao sul da cidade de Gombe e Boulevard du 30 Juin. Com Lingwala e o município de Kinshasa, ela era parte da cidade natal desenvolvida no início do século XX. Ao sul, a cidade é limitada pelo aeroporto de Ndolo e pelo rio Funa.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

trabalhou com os homens, mas igualmente com mulheres como: a comandante Catarina Salvador e Luísa Gourgel, ao serviço da AMA.

Apesar das obrigações, Cipriana Kawawa, em 1972, frequentou, no turno da noite, o ensino comercial em francês na *Armée du Salut*, em Kinshasa, com o reverendo João Gomes de Miranda. Em 1973, contraiu matrimónio com um dos dirigentes da FNLA, Artur Manuel de Costa Nkosi. Dessa relação, não teve filhos e terminaram a relação.

Com apenas alguns meses de casamento, sob orientação de Álvaro Holden Roberto, o casal é indicado para representar a FNLA em Bas Zaire, Matadi, como delegados. Nessa mesma ocasião, acumulou a coordenação da AMA nesta região. Foi diretor de gabinete durante a vigência em Matadi, o Senhor Augusto Makuta Nkondo, antigo deputado da CASA-CE à Assembleia Nacional na legislatura 2017-2022 (Kawawa, 2020).

Em 1974, são nomeados novamente como delegados da FNLA em Lubumbashi-Shaba (atual província de Katanga), no Zaire. Na transição de Matadi para Lubumbashi-Shaba, Cipriana Kawawa perdeu definitivamente as suas malas que continham informações secretas.

Por conseguinte, apesar de até então ter trabalhado com o marido pela causa da revolução angolana, tiveram de se separar, conforme Kawawa (2020) expõe:

“[...] Nos conhecemos quando eu tinha a idade desta minha filha. Conheci-o aqui em Lwanda, ele já era um homem de cerca de vinte anos, algo assim. Com o passar do tempo, ele queria uma mulher com quem pudesse viver. Então foi falar com o pai Gourgel, Pinnock e outros senhores. Eles me conheciam e pediram permissão, indo depois ao presidente Holden. Foi assim que entenderam que eu também uma vez dedicada ao serviço da revolução, no entanto, disseram, ‘para ter um pouco de repouso, vale a pena mesmo a Cipriana’. Então, enfim, escolhemos a consciência. Mas, se fosse apenas pelo título, há coisas que não ficam bem. Fiz tudo para agradá-lo, mas, infelizmente, enfim...”

A sua dedicação à causa da luta anticolonial não inibiu Cipriana Kawawa de a tentar manter uma relação amorosa, como ela mesmo confirma, contudo, não teve muito êxito, o que a levou a separar-se.

Em 1975, após os acordos de Alvor, período em que vigorou o governo de transição, agora, em Luanda, Cipriana Kawawa, faz-se presente, mas vivendo com enormes dificuldades, sendo perseguida. Em razão disto, teve de ficar escondida numa casota e depois numa vala no Sambizanga enquanto a maioria das pessoas pensava que tinha morrido. Assim, sob instrução de Álvaro Holden Roberto, fixou residência na chamada casa do povo, na Avenida

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

Brasil, para apoiar na sensibilização e propaganda política da campanha eleitoral da FNLA. Em vista disto, juntou-se à secção feminina ao lado da Senhora Bia e Júlia Evangelho e, ao mesmo tempo, Cipriana se tornaria inspetora da escola da FNLA, Pedro Ngadimpoveno bairro da lixeira, Sambizanga, em Lwanda.

Em 1976, devido ao conflito armado entre os três partidos, nomeadamente, FNLA, MPLA e UNITA que disputavam o poder, refugia-se no palácio em Luanda por solicitação do António Sebastião Dembo, na qualidade de Ministro do governo de transição, a fim de para recensear os militantes para os seus destinos de origem e não só, embora houvesse navios e aviões com viagens grátis para todos, preferiu não viajar para o exterior do país e dirigiu-se para Carmona (atual província do Uíge) e depois para São Salvador (Mbanza Kongo) e, por fim, novamente em Kinshasa.

Com o aumento das tensões políticas e militares, muitos militantes e simpatizantes da FNLA e da UNITA foram obrigados a abandonar Lwanda, temendo represálias e perseguições. Nesse contexto, aviões e navios foram disponibilizados como meios de transporte para evacuar essas populações e conduzi-las às suas regiões de origem ou para locais considerados mais seguros. Entre os deslocados estava Cipriana, que também precisou abandonar a cidade devido à insegurança predominante, aliás, como sugere Zeferino Capoco (2013), o MPLA tinha chamado para si toda a responsabilidade da construção do Estado em Angola na primeira fase da I República (Capoco, 2013: 200).

Cipriana Kawawa era uma mulher cristã que frequentava a Missão Evangélica Protestante desde tenra idade no Piri. Em Lwanda, juntou-se à Igreja Metodista Unida, cuja professora na escola dominical era Deolinda Rodrigues “Bibiana”. Entre as companheiras da classe estava a Luísa Inglês (irmã mais velha de Luzia Inglês “Inga”, ex-secretária-geral da Organização da Mulher Angolana – OMA entre 1999- 2021) (Kawawa, 2020).

Estando na República do Zaire, aproximou-se dos pastores Joaquim, Buta, Job Baltazar Diogo<sup>14</sup>. Com o passar dos tempos, colaborou na criação da Igreja Menonita dos refugiados angolanos no Zaire com o seu pai Domingos António Miguel Kawawa e com o casal de pastores, José Coelho e Teresa da Cruz, bem como, com José Adão Simão e Adão Menezes.

---

<sup>14</sup> Pai do antigo Vice-Presidente de Angola, Bornito de Sousa Baltazar Diogo, entre 2017 a 2022.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

Uma vez que havia necessidade de solidificar a instrução dos fiéis, ajudou a organizar a fundação da escola primária e secundária Menonita dos Angolanos, incentivando diversos jovens a dedicarem-se aos estudos naquele país. Em vista disto, muitos adquiriram competências em diferentes ramos do saber os exames finais eram feitos no Colégio Consular português, em Kinshasa. A escola contava com os professores Augusto Kâmbua, Narciso Coxi, Manuel Pascoal Lopes, Miguel Damião, Gomes Pinto, tendo como diretor, João Gomes de Miranda.

Em 1990, Cipriana Kawawa regressa definitivamente em Angola, tendo vivido em diferentes bairros na província de Lwanda, em casas arrendadas, sem condições mínimas de sustento e não recebendo a respetiva pensão destinada aos antigos combatentes, apesar do seu contributo na luta de libertação nacional.

Entre as suas competências linguísticas destacam-se, o português, o francês, o Kimbundu e outras línguas nacionais de Angola. Cipriana Kawawa chamou a atenção das autoridades coloniais pela sua inteligência e dedicação à causa da luta de libertação, sobretudo em Lwanda, onde residiu após sair do Piri, região dos Ndembu.

Dentro da UPA/FNLA, destacou-se como uma das poucas mulheres a exercer a atividade jornalística em língua portuguesa, com um programa que tinha como finalidade, mobilizar e despertar as consciências dos angolanos, sobretudo os refugiados que se encontravam no ex-Congo Belga de modo a ficarem permanentemente informados sobre o que se passava no interior de Angola. Portanto, Cipriana Kawawa era uma mulher engajada na causa da revolução angolana, tendo passado por inúmeras dificuldades desde não ter uma residência própria, a passar fome, pois, embora sendo antiga combatente, morreu no dia 8 de outubro de 2022 sem beneficiar da pensão destinada aos ex-combatentes da libertação de Angola<sup>15</sup>. Essa mesma informação foi retomada quando a entrevistámos na sua casa arrendada no bairro Palanca, município do Kilamba Kiaxi, em Lwanda.

Em virtude das dificuldades económicas e sociais que enfrentava, sofreu de problemas de hipertensão que lhe provocaram trombose. Infelizmente, morreu morando numa

---

<sup>15</sup> Ver Kawawa, Cipriana (2020), Entrevista com Cipriana Kawawa. [consulta em 19/06/2023] disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1814716692042476>.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

*belenga*<sup>16</sup>, a “primeira Revolucionária da FNLA abandonada”, como se intitula a entrevista que prestou num dos canais da televisão digital, sem grande moldura humana no seu velório. O seu corpo foi enterrado no Piri, município dos Ndembu, província do Mbengu (Bengo), sua terra natal.

### Considerações Finais

A biografia de Cipriana Kawawa transcende a dimensão individual, assumindo-se como um reflexo das dinâmicas complexas da luta anticolonial em Angola. Sua trajetória evidencia o papel central das mulheres enquanto agentes de resistência, operando em condições de extrema adversidade e desigualdade estrutural. Desde sua atuação na clandestinidade até o trabalho de mobilização e formação política, Cipriana materializou valores de coragem, abnegação e compromisso coletivo, características que a introduziram como uma figura indispensável na luta pela autodeterminação nacional.

O desligamento historiográfico da participação das mulheres da UPA/FNLA e da AMA ilustra uma atração recorrente na história angolana: a sobreposição de narrativas masculinas e hegemônicas em detrimento de vozes femininas. Tal lacuna não apenas distorce a compreensão do processo histórico, mas perpetua desigualdades de género e silêncio, contribuições fundamentais na construção do Estado Angolano. Este estudo, ao lançar luz sobre a trajetória de Cipriana Kawawa, procura romper com essa tradição e ampliar os horizontes interpretativos da historiografia nacional.

A situação de precariedade enfrentada por Cipriana no período pós-independência, culminando na ausência de reconhecimento oficial, expõe um paradoxo doloroso: aqueles que desenvolveram de forma técnica para a libertação nacional foram, muitas vezes, relegados à marginalidade no imaginário coletivo e nas políticas de memória. Este fato reafirma a necessidade de uma abordagem historiográfica crítica, comprometida em incluir narrativas subalternas e destacar a pluralidade de agentes históricos que moldaram a trajetória do país.

---

<sup>16</sup>Cabanas destinadas ao arrumo de objetos que, no caso de aproximação das topas portuguesas, facilmente podiam ser abandonadas.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

Assim, Cipriana Kawawa emerge não apenas como uma protagonista da luta anticolonial, mas como um símbolo da luta pela inclusão histórica e pela justiça social. Seu exemplo nos convoca, enquanto historiadores e cidadãos, a interrogar a memória oficial, a desafiar narrativas exclusivistas e a construir uma historiografia que reflita a diversidade dos atores históricos. Em última instância, Cipriana representa a urgência de um compromisso renovado com uma memória histórica verdadeiramente plural, que valorize todas as vozes na construção de Angola como uma nação inclusiva e justa.

### **Documentação**

Arquivo Histórico Diplomático (AHD), Processo n.º 940,1 (-) G- *A Igreja e os acontecimentos nas províncias Ultramarinas portuguesas*, Vols. I e II, no Arquivo Histórico Diplomático em Portugal.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), /PIDE/DGS/ Del. Ang: processo n.º 13.42. A/6, *Transferência de população: Operação Robusta*, fl.2-170 (NT2015);

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), PIDE/DGS/Del. Ang: *expediente diverso muito secreto-Relações de nativos aderentes à UPA e residentes em Luanda. Índices dos documentos 2 e 3 documentos elaborados por Francisco João Silvestre*, fl.19, (NT 9078).

### **Fontes Orais**

Cipriana Domingos Miguel Kawawa, 80 anos (Revolucionária e Jornalista), entrevista com o autor. Palanca/Luanda. 21 de maio de 2020. Arquivo pessoal do autor.

### **Áudio-visual**

KAWAWA, Cipriana (2020) Entrevista com Cipriana Kawawa. [consulta em 19/06/2023] disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1814716692042476>.

Nsambu Vicente – *Contributo das mulheres da upa/fnla na luta anticolonial em Angola: um olhar biográfico à Cipriana Kawawa*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 77-98.  
DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14\\_2a4](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a4)

## Bibliografia

BATSÍKAMA, Patrício (2016), “A mulher na luta de libertação e na construção do estado nação em Angola: o Caso de Luzia Inglês Van-Dúnem”, *Revista Cantareira*, n. 25, pp.72-87, [consulta em 24/03/2023]. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2017/05/e25a06.pdf>

CAPOCO, Zeferico (2013). *O Nacionalismo e o Estado: Um Estudo Sobre a História Política de Angola (1961-1991)*, Tese de Doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa.

CARVALHO, Emílio de (1955), *A igreja Africana no centro da sua história. Subsídios para a história da Igreja nos Países de Língua Oficial Portuguesa*, Luanda, Edição do Autor.

DOMINGOS, Gaspar João (2019), *Igreja Metodista: um Laboratório de Ensino e Formação Libertadora das Origens Inglesas à Experiência Angolana e aos Desafios Contemporâneos*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Universidade de Évora.

MATOS, Albano Mendes de (2008), “A minha Guerra em Angola: A batalha da Pedra Verde”, [consulta em 14/03/2023]. Disponível em: <http://cenasdeguerra.blogspot.com/2008/03/minha-guerra-em-angola.html>

PAREDES, Margarida (2014). *Mulheres na Luta Armada em Angola: Memória, Cultura e Emancipação*, Tese de Doutoramento em Antropologia, ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa.

PINTASSILGO, Joaquim; TEIXEIRA, Anabela (2015), “Novos olhares sobre as abordagens biográficas” in L. A. M. Alves, & J. Pintassilgo (Coord.), *História da Educação: Fundamentos teóricos e metodologias de pesquisa: Balanço da investigação portuguesa (2005-2014)*, Porto, CITCEM/HISTEDUP/IEU.

SILVA, Dayane Augusta Santos da (2021), *Na Cobertura da Retaguarda Mulheres Angolanas na Luta Anticolonial (1961-1974)*, Tese de Doutoramento em História, Brasília, Universidade de Brasília.